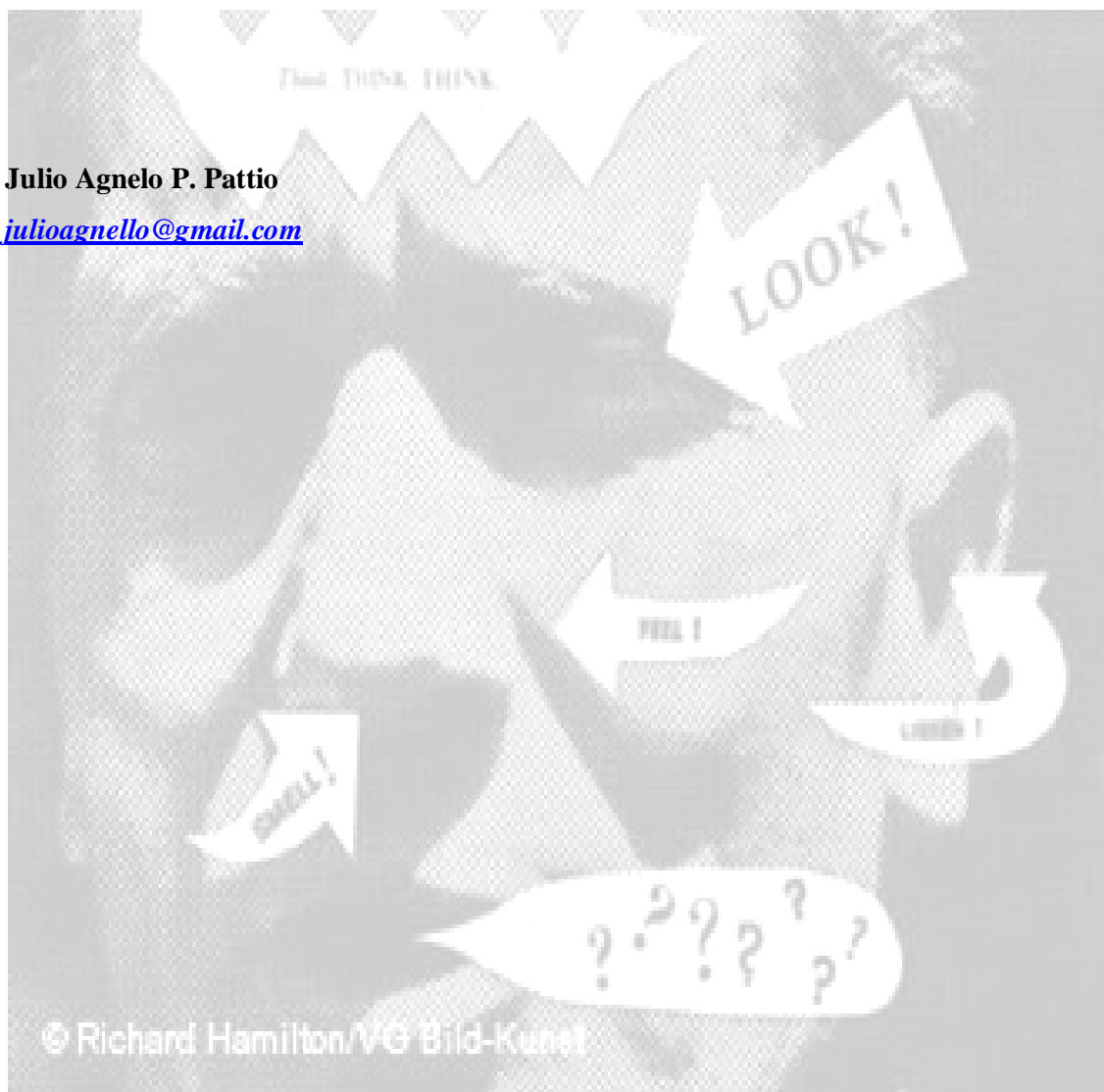




DAR VIDA ÀS PALAVRAS
MONTAIGNE EM DEFESA DE UMA LINGUAGEM NATURAL

Julio Agnelo P. Pattio

julioagnello@gmail.com



Rio de Janeiro-RJ

2009



DAR VIDA ÀS PALAVRAS

MONTAIGNE EM DEFESA DE UMA LINGUAGEM NATURAL

Julio Agnelo P. Pattio¹

julioagnello@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca seguir os passos do filósofo Michel de Montaigne em sua obra *Ensaíos*, em que o autor realiza uma crítica ao saber retórico de seu tempo, que denunciava como por demais especializado e apartado da realidade. Tal crítica ilumina as estratégias da escrita de sua obra, ao ser confrontada com seu projeto máximo de pintar a si mesmo, fazendo emergir o seu eu a partir da alternativa que encontra para essa retórica, uma linguagem que lhe seja natural. Esta linguagem natural acabar-se-á revelando não somente uma alternativa mais cabível para a comunicação, mas o instrumento por excelência para expressar o ser cambiante e mutável que é o homem, tal como Montaigne o pensava.

Palavras-Chave: Montaigne – Renascimento – Retórica

No ensaio *Da arte da Conversação* Montaigne estabelece seus anseios de tornar seu livro uma área de conversa, antes que uma fonte de estudo, “O estudo dos livros é um movimento lânguido e fraco que não aquece, ao passo que a conversação ensina e exercita de um só golpe” (III, 8, 206/B)², e a conversação é capaz de envolver em sua atividade as partes em questão. Assim, contrapõe-se nesta passagem a passividade de um discípulo e a atividade daquele que se coloca a um mesmo nível quanto ao discurso proferido. No sentido da formação de seu auto-retrato as diversas observações de Montaigne quanto ao caráter falado de sua escrita ligam ao menos dois pontos: requer para si a sinceridade como motor de sua escrita, o que por sua vez estabelece as condições para análise daquilo que é dito, ao mesmo tempo em que marca sua postura contra as abstrações dos filósofos e conta o excessivo rigor especialista dos retóricos. Esta postura acabará por determinar uma predileção pelo concreto em detrimento do abstrato, oferecendo-lhe a chance de obter um grau máximo de identificação entre si e sua obra. Vejamos quais procedimentos lhe permitirão isto, e de que

¹ Julio Agnelo P. Pattio é graduado em filosofia pela UFMG, mestrando em filosofia pela UFOP e mestrando em filosofia pelo CESR-Tours.

² Os *Ensaíos* de Montaigne assim serão citados, o número romano refere-se ao livro, o primeiro algarismo arábico ao ensaio, o arábico seguinte à página de acordo com a tradução brasileira, por fim as letras A, B e C referem-se às diferentes camadas do texto de Montaigne.



maneira a exigência, para sua escrita, de um tom falado contribui para seu projeto, uma vez que a Montaigne é imperioso que vá “com a pena como vai com os pés” (III, 9, 310/B).

Se atentarmos bem para o *Ao leitor*, datado por Villey de 1580, encontramos uma declaração interessante nesta perspectiva de uma busca por uma linguagem natural e familiar, diz Montaigne, “Eis aqui um livro de boa-fé, leitor. Desde o início ele te adverte que não me propus nenhum fim que não doméstico e privado” (*Ao leitor*). Mesmo sabendo da interpretação de Villey³ sugiro encontrar neste trecho uma preocupação com a naturalidade com que Montaigne pretende atingir com seu discurso. Em primeiro lugar já existe, na primeira frase uma invocação direta em direção do leitor, este ser anônimo, que não é necessariamente amigo ou parente.

Em segundo lugar o *doméstico e privado* a que Montaigne faz referência devem ser entendidos na esteira de sua atitude rumo ao estabelecimento de um ambiente familiar que permita a conversação entre autor e leitor. Como ele irá repetir no ensaio *Consideração sobre Cícero*, “Tenho por natureza um estilo familiar e privado, mas com uma forma toda minha, inapto para os contatos públicos, como em todas as formas é minha linguagem: demasiado densa, desordenada, entrecortada, e pessoal” (I, 40, 376/B). A pretensão de atingir uma verdade cede lugar para a troca, Montaigne irá reencontrar no processo da escrita as qualidades de uma conversa oral. E na transferência da linguagem falada para o papel uma exigência para o registro de seus pensamentos.

Uma exigência que levará Montaigne a inundar sua obra com críticas à retórica clássica. A retórica é denunciada como artificial e rigorosa. Na retórica clássica o que Montaigne recusa é a sua artificialidade enquanto código, a reformulação de seu novo código retórico, através do processo da escrita, lhe permite romper com esta retórica que aos seus olhos o constrange e limita seu pensamento. A retórica, pois, deformaria a linguagem natural ao enquadrá-la em uma linha lógica e não natural daí seu esforço de transformar sua escrita em uma certa representação da linguagem falada, como uma maneira de tornar mais fiel a representação de seus pensamentos no papel. Montaigne posiciona-se contra interditar o seu pensamento que estancaria sob a máscara de uma falsa linguagem anônima, que assim o é por fazer-se em nome de uma tradição e não em nome do homem que profere o discurso.

³ Pierre Villey enxergava no *Ao leitor* uma segunda, dentre três, intenção montaigneana com relação ao seu livro, a saber, de que este serviria ao uso do restrito círculo de seus amigos e parentes. Na apresentação que faz a este prefácio montaigneano Villey coloca, “Ela não corresponde nem à concepção dos primeiros ensaios (por volta de 1572), nos quais Montaigne não pensava em retratar a si mesmo, nem à que prevalecerá na maioria dos ensaios de 1588, em Montaigne falará de pintar a si mesmo não mais para seus parentes e amigos, e sim para procurar em si ‘a forma integral da natureza humana’”.



Parece, portanto, que a linguagem natural não iria se impor sobre seus pensamentos, melhor, os acomodaria, o que explica a seguinte passagem do ensaio *Da Educação das Crianças*,

Assim como no trajar-se é pobreza de espírito querer distinguir-se por alguma característica particular e inusitada, da mesma forma na linguagem a busca de expressões novas e de palavras pouco conhecidas provém de uma ambição pueril e pedantesca. Possa eu servir-me apenas das que servem aos mercados de Paris. (I, 26, 257/C).

Se tal passagem serve aqui para a discussão é no sentido em que denuncia as construções abstratas dos retóricos, traçando aí um contraponto com a construção física e concreta de seu texto⁴. É o caráter sensível e natural do vocabulário dos mercados que Montaigne clama para si neste ponto. Não seria por demais lembrar que a questão da *regra da fé* (POPKIN, 2000: 25) foi responsável por diversas dissensões políticas na época de Montaigne, pode-se entrever neste posicionamento montaigneano contra a retórica clássica e na sua predileção por um vocabulário das feiras, uma recusa em aceitar um falar gerador de tanto problemas. Os doutores, a quem Montaigne critica em mais de um momento, mantinham as discussões em um nível puramente abstrato, acreditando serem capazes de resolver os problemas mantendo-se puramente no nível da linguagem.

Para Montaigne, neste esforço os estudiosos da língua conferiram exacerbada importância à palavra, abandonando as verdadeiras questões que acometiam os homens da época. Daí vemos associados, por exemplo, às suas críticas aos filósofos de seu tempo exemplos práticos. Neste sentido vemos no ensaio *Do pedantismo* uma frase com o impacto de uma sentença, e que circunscreve seu valor a partir do eu que a enuncia, “Considero que Roma era mais valente antes de se tornar sábia” (I, 25, 214/C), inserida tardiamente em um ensaio que discute justamente os inconvenientes do saber doutoral, em que Montaigne denuncia a preocupação excessiva com a língua, esta frase marca com ironia a distância entre um saber que encerra a si mesmo em seu discurso e um saber que se volta para a vida.

Sobre esta questão quanto aos doutores que representavam a retórica clássica vale, a título de indicação, mencionar uma polêmica que teve lugar no Renascimento, para indicar em que medida Montaigne nela se insere. Entretanto, se ele insere-se nesta polêmica declaradamente ou não, me importa pouco aqui. Trata-se da querela entre aqueles adeptos da

⁴ Floyd Gray a este respeito observa, “Le vocabulaire de montaigne est déterminé par sa méfiance vis-à-vis du mot abstrait, du mot vide. S’il emploie une expression abstraite, il juxtapose en même temps une expression concrète qui l’explique, qui le rend sensible.” (GRAY, 1958: 41).



retórica de Cícero, e aqueles outros que requeriam uma nova posição diante do texto clássico, reivindicando uma nova postura. A primeira posição via o processo de leitura como uma ação na qual se repetia o discurso perfeito, que era retido pelo texto fonte, em tal processo o leitor deve desaparecer em favor da verdade, guardada no texto primordial. Trata-se de uma posição classicista que pregava a universalidade e a eternidade do texto. Já a segunda postura, que se colocava abertamente contra este classicismo, e que teve como um de seus adeptos Erasmo. Aqui era enfatizado não o caráter universal do texto, mas o aspecto individual e particular do leitor, este seria responsável pela assimilação, pelas vias da seleção, da enorme gama de textos, e conferir-lhe o significado. Postura, que, segundo Terence Cave, acaba por tornar-se modelo para a produção dos novos textos do Renascimento (CAVE, 1982: 155).

Ao acompanhar o desenvolvimento do pensamento filosófico no Renascimento Ernst Cassirer (2002, 261) marca um movimento similar. O autor coloca que o homem renascentista enxergava no trabalho de depuração do francês um movimento de libertação dos barbarismos do latim escolástico. Os diversos humanistas dedicaram-se, portanto, a uma infatigável retomada dos princípios de oratória advindos dos retores romanos. O apreço pela língua era de tal forma no primeiro humanismo que seu estudo era centrado no estudo das letras, representadas pelas grandes obras herdadas da antigüidade. A primeira experiência era proporcionada pela leitura, pela palavra, o segundo lugar estava reservado à realidade, à coisa⁵. Movimento que terá as primeiras reações na Itália na figura de um Leonardo Bruni, por exemplo. Em Montaigne, no entanto, vemos outras conseqüências desta postura contra o excessivo trato com a língua. Tal postura acaba por oferecer mais um caminho por onde pode ensaiar o seu julgamento.

Em sua crítica aos retóricos Montaigne encontra mais uma via de afirmar seu eu, pois ao criticar a aparência enganadora das palavras, “Há o nome e a coisa: o nome é uma palavra que designa a coisa; o nome não é uma parte da coisa nem da substância, é uma peça externa juntada à coisa, e for a dela” (II, 16, 428/A), encontra espaço para uma saída pessoal a este problema. Denunciando a falência da capacidade referencial da linguagem encontra um caminho alternativo por onde trilhar, formando uma linguagem pessoal, que lhe seja comum, neste sentido, o eu responde a este ponto, “Tenho um dicionário somente meu” (III, 13, 493/B), o que torna o sujeito a origem do sentido, e não mais as palavras, como queria a retórica clássica.

⁵ Friedrich assinala que em tal contexto de atenção à língua é lícito dizer que, “Le chemin de la chose passe par le mot. Avant d’être concrète, la culture est littéraire et rhétorique” (1968: 95). Sinto-me seguro em inserir a crítica de Montaigne aos retóricos de seu tempo nesta perspectiva, contra uma cultura essencialmente letrada.



Montaigne requer para si o sentido daquilo que enxerga emergindo de seu interior, as suas “quimeras e monstros fantásticos”, e aposta nesta *vocalização da escrita*, para usar a expressão de Kriztman (KRITZMAN, 1980: 100), como capaz de dar corpo aos seus pensamentos, o que afirmaria uma primazia da fala sobre a escrita, eliminando tudo o que há de supérfluo na linguagem. Transferindo a autoridade da fala para escrita Montaigne vê-se obrigado a exigir, sistematicamente, a consubstancialidade entre autor e obra, o que acabará por conferir originalidade e autoridade ao que ali permanece escrito, fazendo com que o texto tenha o mesmo impacto que teria se falasse com alguém que encontrasse.

E, retendo o “é a mim que pinto” do *Ao leitor*, ou seja, mantendo em perspectiva o objetivo montaigneano de dar forma à sua experiência interior, faz sentido pensarmos em um estilo que seja natural, que ofereça lugar a suas fantasias tal como lhe aparecem⁶. Mais ainda, pode-se acrescentar que não se trata unicamente de acomodar suas fantasias, oferecer um espaço para cultivar estes corpos informes, mas de fazê-los presentes, torná-los, através deste registro escrito, físicos e sensíveis, e para isso parece que a naturalidade, a recusa do artifício, do polimento, oferecem a melhor dentre as alternativas, afinal, “os corpos ásperos são sentidos, os polidos manejam-se despercebidamente” (III, 10, 357/C). Dois pontos, pois, saltam aos olhos quanto a esta exigência de uma linguagem natural por parte de Montaigne. Tal exigência configura-se como uma postura contrária ao estilo cadenciado e planejado dos retóricos antigos, reafirmando a especificidade do eu que se afirma ao escrever, ao mesmo tempo em que uma solução para entregar-se ao papel com naturalidade e espontaneidade, conquistando assim um ar de sinceridade diante do leitor.

Acerca desta postura quanto a uma escrita que se aproxime da linguagem natural, como solução encontrada por Montaigne para tornar seu texto uma dimensão onde “a um só olhar apareçam as veias, os músculos, os tendões, cada parte em seu lugar” (II, 6, 72/C) o texto de Floyd Gray oferece algumas boas pistas. Pois, para “pintar a passagem” Montaigne deve atentar para o movimento que irá imprimir em seu texto, seu pensamento deve estar no texto como processo, não como resultado. O que merece ser reforçado é, pois, que a exigência de uma linguagem natural faz-se, portanto, em duas frentes, como maneira de distanciar-se da antiga retórica, e para que lhe seja permitido registrar por escrito “o progresso de seus

⁶ “Au contraire d’un discours soutenu qui enchaîne les arguments en développant linéairement une Vérite, ce texte fragmentaire et poétique se détourne de l’unicité de la Vérite pour mettre l’accent sur la forme du message pour son propre compte” (KRITZMAN, 1980: 155). O que coloca a crítica montaigneana ao estilo encadeado e oratório em cena, que atacava o planejamento prévio dos argumentos a serem apresentados, privilegiando, por outro lado o andar livre e errante de seu estilo. “Habitualmente começo sem projeto; a primeira frase produz a segunda” (I, 40, 377/B).



humores”, instaurando um movimento ao seu texto que é ditado por si próprio. Para as finalidades do presente texto basta reter aquilo que concerne precisamente ao modo como o estilo montaigneano é manejado de maneira a conformar-se com seu pensamento.

Este pensamento em sua continuidade é descrito por F. Gray através de sua análise dos vários meios de criação gramaticais nos *Ensaio*s seja através dos adjetivos, dos advérbios e principalmente quanto ao verbo, em que a opção montaigneana pelo particípio traria ao texto este estilo falado e espontâneo⁷. Preocupado em descrever movimentos antes de situações (GRAY, 1958: 51-61). Trata-se, portanto, antes de uma preocupação em transmitir o movimento simplesmente, um cuidado em passar para o papel as sucessões do seu próprio pensamento, o que Montaigne busca com este estilo que vai sendo adaptado ao seu espírito *ondoyant*. Ainda, interesse semelhante a esta preocupação faz com que Montaigne redija um elogio aos historiadores, principalmente àqueles que se dedicaram a relatar o homem. Diz ele, “Ora, os que escrevem as vidas, na medida em que se ocupam mais das intenções que dos acontecimentos, mais daquilo que provem do íntimo que daquilo que acontece fora, esses me são mais apropriados” (II, 10, 127/A). Admiração que é absorvida pela escrita mesma dos *Ensaio*s, que buscará esta expressão do íntimo, na medida em que lhe for acessível.

Uma estudiosa inglesa do estilo montaigneano nota bem ao colocar que o problema de Montaigne não é simplesmente o de apreender o seu ser “que lhe escapa a cada instante”, mas que se trata de uma difícil questão de comunicar aquilo que seu espírito lhe apresentava, onde nesta comunicação importava pouco quem lhe era o destinatário, se uma tradição ou se o leitor⁸. Em virtude de sua concepção da realidade como fugidia e da constatação de que o homem a cada momento escapa a si mesmo, Montaigne parte em busca de uma linguagem que lhe permita o máximo de expressão, traduzindo o mais fielmente possível o seu pensamento, simbolizando o esvaír-se. E como ele mesmo coloca em mais de uma passagem, sentia-se bastante seguro em uma linguagem falada,

⁷ Vale notar que a língua portuguesa possui apenas uma forma de particípio, que corresponde ao participio passado nas demais línguas, no português o gerúndio, em alguns casos corresponde ao particípio presente nas outras línguas. Disto surgem diferenças entre o texto original montaigneano e a tradução para o português, o que uma comparação será suficiente para indicar. Uso aqui um exemplo do próprio Gray, “Mas a história conta que Psammenitus [...] *ao ver* passar sua filha [...] permaneceu quieto sem dizer palavra, [...] enquanto todos os seus amigos *choravam* e *lamentavam-se* ao redor; e em seguida, *vendo* que levavam seu filho para a morte, manteve-se nesta mesma atitude” (I, 2, 14/A). Onde, os termos grifados representariam, segundo Floyd Gray, o movimento que Montaigne busca imprimir em seu texto, coloco a seguir como são estes termos no texto em francês, “*voyant/ao ver; pleurans/choravam; lamentans/lamentavam-se; voyant/vendo*”.

⁸ “It was not simply a question of the elusive nature of human personality constantly changing with every instant of experience, as he describes in *Du Repentir*; it was, even more, a matter of communication. How to find the words to describe each moment of being in all its diversity was Montaigne’s major problem”. (MCGOWAN, 1974: 8).



Assim como no agir, também no dizer sigo muito simplesmente minha forma natural; talvez seja por isso que posso mais ao falar do que ao escrever. O movimento e a ação animam as palavras, principalmente para o que se movem vivamente, como faço, e que se inflam. (II, 17, 459/A).

No entanto ele opta por escrever, ou é a isso constringido devido à morte prematura de seu amigo, escolhe retratar este assunto informe que é o homem, o que torna central perceber-se a si mesmo capaz de *contreroller* este cavalo fugidio, e comunicá-lo. Preocupação que estabelecerá certa dimensão de diálogo nos *Ensaaios*.

Para ser detectado que existe, em alguma medida, uma esfera de diálogo nos *Ensaaios* e que tal dimensão ofereceria a familiaridade do discurso, não é preciso ir muito longe, Montaigne mesmo oferece uma direção ao contrapor seu texto ao estilo epistolar⁹,

Sobre este assunto de cartas quero dizer estas palavras: trata-se de um trabalho em que meus amigos afirmam que posso alguma coisa. [C] E teria adotado mais facilmente essa forma de publicar minhas elucubrações se tivesse a quem falar. (I, 40, 375/BC).

Esta ausência de um interlocutor¹⁰, a constatação de não ter com quem *conférer*¹¹, seria responsável por levar Montaigne a aprender a conversar com seu texto, levam-no a ensaiar. Mas também estabelece ele uma conversa com os livros de sua biblioteca e com o leitor¹². Este falar natural, que intenta instituir no livro ares de uma conversa com o leitor, ao mesmo tempo em que uma conversa consigo mesmo, é visto nas várias expressões da linguagem falada de que Montaigne faz uso ao longo de sua obra, “Retornemos a nossos coches” (III, 7, 195/B), “Esta história merece que eu me desvie” (III, 13, 457/B), “É melhor eu contar como foi isso” (I, 21, 148/C), “Para voltar a meu assunto” (I, 26, 265/A). Expressões que são nitidamente tomadas da linguagem falada, e que estabelecem este ar de

⁹ Sobre o gênero epistolar me permito fazer apenas duas observações relevantes a esta discussão. A primeira é que na carta ao escritor é permitido falar de tudo que lhe advier, uma vez que é ele o único responsável pela coerência e a ordem da mensagem. Em segundo lugar a escrita epistolar permite o estabelecimento de uma dimensão íntima e pessoal, introduzindo no discurso uma subjetividade espontânea, (a este respeito Cf. Friedrich: 1968, 368-373).

¹⁰ Ausência esta que Montaigne parece ter tentado suprir se pensarmos que alguns de seus ensaios aparentam serem escritos com algum destinatário específico em mente. Por exemplo, (I, 16 e II, 37), neste último ensaio o tom estabelecido em alguns momentos aproxima-se de uma conversa ao vivo, “Senhora, já é o bastante; dar-me-is permissão para retomar o fio de meu assunto, do qual me afastei para conversar convosco” (II, 37, 676/A).

¹¹ Em seu artigo, “Montaigne, ‘De l’art de conférer’ (III, 8): De la dispute à l’essai”, Béatrice Périgot restitui o significado de *conférer* ao retomar sua relação com a *disputatio* medieval, sua interpretação marca, a um só golpe, o caráter dialógico e incisivo do pensamento montaigneano, o que se perde na tradução brasileira ao traduzir *conférer* simplesmente por conversação. Sobre esse *conférer* diz a intérprete, “[...] l’art de conférer décrit une pensée qui si construit dans le dialogue avec soi-même ou avec l’autre, qui s’élabore constamment dans l’opposition (et ici la tradition de la dispute medievale est essentielle).” (PÉRIGOT, 2002: 180)

¹² A este respeito R. Melançon observa, “Ils (les *essais*) répondent constamment au lecteur qui les interroge, grâce à une écriture toute en dialogue, avec elle-même et avec l’immense bibliothèque accumulée par l’humanisme”. (MELANÇON, 1992: 97).



conversa, entre escritor e leitor.

Outra passagem do ensaio *Consideração sobre Cícero* aponta de maneira definitiva esta dimensão que é dada por Montaigne ao leitor em seus *Ensaaios*. Depois de dizer de si próprio ser um escritor de estilo denso e substancioso Montaigne completa comentando seus temas,

Para alinhar maior quantidade, acumulo apenas os enunciados; se acrescentasse sua seqüência, multiplicaria várias vezes este volume. E quantas histórias divulguei que não dizem uma palavra, com as quais quem quiser esmiuçá-las um tanto engenhosamente produzirá infinitos *Ensaaios*. (I, 40, 374/C).

Sinto-me seguro aqui em retomar uma metáfora de Jeffrey Martin Green (GREEN, 1995: 108), de que nesta passagem Montaigne estaria se referindo ao leitor como uma espécie de paleontólogo, capaz de desvendar todo um argumento a partir de fragmentos, espécies de indícios ou pistas deixados ao longo do texto por Montaigne¹³. Vários de seus argumentos são apenas mencionados de maneira sintética, cabendo ao leitor reconstruí-los. Esta abertura dada ao leitor é de extrema importância para uma compreensão do pensamento montaigneano que lhe seja suficientemente justa. Gostaria, pois, de chamar atenção para o advérbio *engenhosamente* (ingenieusement), que é colocado no trecho. Trata-se de um requerimento que é colocado como maneira de atentar para o fato de que não se trata de qualquer leitor, mas de um leitor capaz de, partindo das várias histórias que são apenas mencionadas de modo incompleto, lhes conferir coerência.

O leitor não se encontra, portanto, diante do pensamento montaigneano como um observador posicionado à distância, é convidado a adentrá-lo e escrutinar suas minúcias, “Não gosto de texturas em que as junções e as costuras apareçam, assim como em um belo corpo não devemos conseguir contar os ossos e as veias” (I, 26, 257/A). Montaigne oferece aqui um novo procedimento estético, que não mais seria determinado pela cadência e lógica argumentativa tão cara aos retóricos, seu ponto é criar uma dinâmica de leitura que proporcione ao leitor o desafio, onde este não seja determinado pela recepção passiva da mensagem do escritor, mas levado à reflexão, ao encontrar-se diante de um texto que se apóie na fragmentação e nas reviravoltas da linguagem falada.

¹³ Devo aqui notar que aqui onde se lê *os enunciados*, no original em francês consta *les testes*, como que fazendo referência a uma parte dos argumentos, o que explica melhor a metáfora. Assim, Montaigne oferece em várias ocasiões a cabeça de seus argumentos, cabendo ao leitor encontrar-lhes o corpo. O texto original ainda oferece mais uma oportunidade de presenciarmos Montaigne fazendo uso de um vocabulário orgânico para referir-se ao seu livro.



O objeto de estudo montaigneano é o homem¹⁴, uma linguagem que não fosse natural, que não se colocasse como contraponto em relação à linguagem sistemática e abstrata, não apreenderia, portanto, tal objeto em sua especificidade. O que faz da experiência de leitura dos *Ensaio*s uma experiência vívida, por tratar-se de um texto que através da busca de uma linguagem concreta intenta oferecer uma imagem do pensamento que a impulsiona, um pensamento que no dizer de Friedrich, “[...] a besoin d’une langue vivante, c’est-à-dire muable, car cette pensée consent d’autant mieux à la muabilité que c’est en elle qu’elle se sent devenir vraiment concrète” (Friedrich: 1968, 34). Na aspiração montaigneana por esta linguagem vívida, testemunha-se a manifestação de um pensamento que impõe como condição de comunicação uma transformação na língua a partir de dentro. Tal comunicação faz-se de um homem para outro homem; comunicando a essência a que tem acesso o escritor, que como diz no *Do Arrependimento*, fala não como *gramático, poeta ou jurisconsulto*, mas como Michel de Montaigne.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **Indivíduo e cosmos na filosofia do renascimento**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- CAVE, Terence. **The cornucopian text: problems of writing in french renaissance**. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- GREEN, J. M. “Montaigne’s critique of Cicero”. IN: **Montaigne’s Rhetoric: Composing myself for others**. BERVEN, D. (org.). Kentucky: Routledge Press, 1995.
- GRAY, Floyd. **Le style de Montaigne**. Paris: Librairie Nizet, 1958.
- FRIEDRICH, H. **Montaigne**. Paris: Gallimard, 1968.
- HAMILTON, Richard. **See, hear, smell, touch**. Disponível em: http://www.dw-world.de/popups/popup_lupe/0,,946199_ind_2,00.html. Acesso em: 05/12/2008. (Imagem – Marca D’água: Hamilton/VG Bild-Kunst)
- KRITZMAN, L. **Destruction/Deouverte: Le Fonctionnement de la rhétorique dans les Essais de Montaigne**. Lexington: French Forum Publishers, 1980.
- McGOWAN, M. **Montaigne’s deceits: the art of persuasion in the Essais**. London,

¹⁴ Sobre a compreensão montaigneana do homem gostaria de indicar no momento, que para Montaigne o homem é lugar de contradição, de instabilidade e avesso a formulações definitivas. Do ponto em que agora me detenho vale reter que a linguagem falada, portanto, com suas interrupções e ordenação livre, seria capaz de melhor registrar o retrato desse ser instável que é o homem.



University of London Press, 1974.

MELANÇON, Robert. “L’entretien avec soi”. IN: **La problematique du sujet chez Montaigne**. KUSHNER, E. (org.). Paris: Honore Champion, 1992.

MONTAIGNE, M. de. **Ensaio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PÉRIGOT, B. “Montaigne, ‘De l’art de conférer (III, 8)’: de la dispute à l’Essai”. IN: **L’Essai: Métamorphoses d’un genre**. GLAUDES, Pierre (Ed.). Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

POPKIN, R. **História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

